

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

AUTOPERCEPÇÕES DE DESIGUALDADES DE ATLETAS MULHERES

ANA MARIA CAPITANIO

Psicóloga pela Universidade Metodista de São Paulo (1991). Especialista em Psicoterapia Junguiana (1996). Mestre em Educação Física - Pedagogia do Movimento Humano (2005) e Doutoranda em Educação pela Universidade de São Paulo (2010). Possui experiência em Psicologia Clínica - adolescentes e adultos e atuou na área de Psicologia do Esporte. Professora Universitária. Os principais temas de interesse são: educação: (desenvolvimento humano e aprendizagem) e relações de gênero.

Resumo: Esse texto tem origem em minha dissertação de Mestrado em Educação Física defendido em 2005 pela Faculdade de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. Tem como objetivo compreender como mulheres atletas e ex-atletas se percebem em relação às desigualdades no meio esportivo, a partir da perspectiva de gênero. O grupo estudado foi composto por seis atletas e duas ex-atletas brasileiras das seguintes modalidades esportivas: judô (1), natação (1), futebol de campo (1), handebol (3) e voleibol de quadra (2). Os dados foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas. O conteúdo verbal foi analisado qualitativamente. Os resultados apontam para um maior ou menor grau de autopercepção de acordo com a modalidade praticada pela atleta.

Palavras-chave: Esporte, Gênero, Mulher

SELF PERCEPTIONS OF INEQUALITIES OF WOMEN ATHLETES

Abstract: The current paper was originated from my Master's dissertation on Sport and Physical Education presented in 2005 by Faculdade de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. It has as object of study the understanding how female athletes and former athletes notice themselves in relation to the divergences in the sports area from the gender perspectives. The group observed was formed of six Brazilian athletes and two former ones of the following sportive modalities: judo (1), swimming (1), soccer (1), handball (3) and volleyball (2). The data were collected by semi-structured interviews. The verb content was analyzed qualitative. The results indicate to a bigger or smaller degree of self perception with the practiced modality by the athlete.

Keywords: Sport, Gender, Woman



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

INTRODUÇÃO

Embora as mulheres superem os homens com sua presença no Ensino Superior¹, a participação delas, mesmo que significativa, ainda é consideravelmente menor em relação aos homens nos clubes esportivos, nas áreas de lazer, na presença em estádios e ginásios como espectadoras. E quando ousam adentrar em um campo de tradição masculina, como atletas profissionais, se encontram diante de vários preconceitos e estereótipos que ainda cercam a prática das mulheres (Silvana V. GOELLNER, 2004b). Elas, ainda, possuem salários menores, condições de treinos desiguais e entram numa luta, muito mais individual do que coletiva e representativa, a favor das mulheres atletas.

Esse texto é baseado, parcialmente, em minha dissertação de mestrado que buscou olhar sobre como atletas mulheres se percebiam em relação às desigualdades no campo esportivo, a partir da perspectiva de gênero.

Compreende-se gênero como construção social e como categoria histórico-social que implica uma análise de relações de poder, de relações desiguais da vida social (SCOTT, 1995).

Segundo Michael A. MESSNER² (citado por Eustáquia Salvadora SOUZA & Helena ALTMANN, 1999) o esporte é uma instituição *genereficadora*³ que ajuda a construir a ordem de gênero corrente. O rendimento esportivo não está marcado somente pelas diferenças biológicas, sendo que as diferenças psicológicas, sociológicas e culturais vivenciadas pelas atletas, marcadas e regulamentadas pela sociedade com normas

¹ INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA/INEP. *Censo da Educação Superior: 1996-2006*

² M. MESSNER. Boyhood, organized sports, and the construction of masculinities. In: M. KIMEL e M. MESSNER. **Men's lives**. New York and Toronto: Macmillan, 1992, p. 161-131.

³ O termo *genereficador/genereficadora* é a tradução encontrada para 'gendered' em SOUZA e ALTMANN (1999)



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

diferenciadas para homens e mulheres também afetam o rendimento. A estrutura e valores do esporte refletem conceitos dominantes de masculinidade e feminilidade.

Para homens e mulheres, normas impostas, de acordo com a predominância do gênero corrente, nesse caso o masculino, são vivenciadas como naturais. Desse modo, aqueles que não corresponderem à suposta natureza do gênero serão percebidos pela sociedade como ‘fora do padrão’. Ambos sofrem as conseqüências ao se comportarem diferentemente daquilo que é esperado. No esporte há uma grande valorização de atributos arbitrariamente considerados masculinos, como a força, o poder, a liberdade e a competitividade, em detrimento dos arbitrariamente considerados femininos, como a delicadeza, a fragilidade, a inatividade entre outros. Obviamente, a finalidade é a manutenção de um controle social, da manutenção assimétrica e injusta do poder de um gênero sobre o outro.

A tendência é esperar da mulher que ela expresse sempre as características atribuídas e padronizadas pela sociedade como: passividade, compreensão, delicadeza, sempre e nos diversos papéis que as mulheres contemporâneas são protagonistas. Em outras palavras, preconceitos e estereótipos são comumente atribuídos às mulheres que participam de modalidades consideradas tradicionalmente masculinas, como o futebol de campo ou quadra, handebol, judô entre outros.

As mulheres no esporte buscam, no mínimo, o respeito e reconhecimento de seus desempenhos e conquistas enquanto atletas e também a possibilidade de exercerem cargos de poder em instituições esportivas que, atualmente, são distribuídos somente aos homens.

De acordo com Messner (2002), organização e instituições em si mesmas, são ‘genereficadas’, isto é, gênero está presente em práticas, imagens, ideologias, processos e distribuições de poderes, conseqüentemente, a norma de gênero no esporte é também caracterizado por vastas desigualdades nas distribuições de poderes, autoridades, prestígios



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

e recursos entre homens e mulheres (e, de fato entre diferentes classes sociais e grupos sociais) e, por causa dessa persistência histórica, os padrões das instituições masculinas do esporte parecem, para muitos, naturais e imutáveis.

A seguir, através de entrevistas semi-estruturadas, veremos como as atletas e ex-atletas brasileiras [seis atletas e duas ex-atletas de alto nível das seguintes modalidades esportivas: judô (1), natação (1), futebol de campo (1), handebol (3) e voleibol de quadra (2)], percebem e se autopercebem⁴ nas relações de desigualdade no campo esportivo.

PENSANDO SOBRE AS ENTREVISTAS

Questão: “Em sua opinião, o que a sociedade espera da mulher atleta?”

A atleta de futebol acredita que a sociedade não vê com seriedade o esporte praticado pela mulher: “Não é o podium, não é o primeiro lugar, não é tá lá entre os primeiros, não. Para o futebol, principalmente, mas também para outros esportes, até por não ter incentivo, por não ter nada”.^[sic] A atleta de futebol complementou dizendo que quando uma mulher chega a um podium olímpico parece que isso deixa as pessoas surpresas por não esperarem essa conquista, dado à falta de incentivo ao esporte praticado pela mulher.

As jogadoras de Handebol^{1,2,3} percebem um tratamento desigual entre o time masculino e o time feminino.

Na modalidade voleibol que possui uma tradicional ‘generificação’ (MESSNER, 2002) como ‘mais feminina’, por exemplo, as atletas discursaram de uma forma diferenciada daquelas que estavam em meios esportivos característicos e tradicionalmente mais masculinos, como o futebol de campo, handebol e o judô. As atletas do voleibol

⁴ É importante lembrar que os dados para esse trabalho foram coletados em 2004.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

afirmaram que elas “têm mais time” que o masculino “e são mais favorecidas pelo menor número de jogadoras”, “é que há mulheres que ganham mais do que os homens”.

Questão: “Em sua opinião, o que a sociedade espera do homem atleta?”.

As atletas de futebol e handebol dizem que a sociedade espera muito mais deles (atletas homens) do que delas. A jogadora de handebol₁ explicitou “que há mais expectativas em relação aos homens. É uma expectativa maior. A sociedade espera que eles sejam os melhores, que eles conquistem... é... Eles têm um estereótipo de heróis”.

Para a jogadora de futebol “o homem tem é... essa coisa... não sei... essa coisa cultural, machista, ele tá lá pra ganhar. Ele sempre tem condições de brigar de igual para igual, independente de qualquer coisa”. É importante notar que essa atleta, mesmo demonstrando dúvida, compreende que esse “machismo” é cultural. Dessa forma, o atleta homem encontra um ambiente mais favorável para exercer seu papel brigando de “igual para igual”.

A atleta de handebol₂ deu pistas e denotou certo preconceito ao expressar sua opinião. Para ela, quando um homem olha para duas mulheres: “(...) uma mulher atleta e uma não atleta, o rapaz vai olhar para a não atleta. Ele vai falar: ‘essa daí? Cheia de músculos, meio masculino’, já não vai gostar muito, né? Acho que tem essa diferença, aí!”.

As próprias atletas demonstraram preconceitos em relação às características, físicas e psicológicas, supostamente pertencentes aos homens e que elas necessitariam adquirir, quer queiram ou não, para serem competitivas e atingirem os objetivos em uma disputa. Elas acabam reproduzindo opiniões e comportamentos que elas mesmas condenam. Em suas autopercepções, demonstram-se confusas em alguns momentos.

A atleta de handebol₃ pareceu sentir, negativamente, o ganho muscular devido à preparação física. Independente de ser mulheres ou homens, atletas necessitam desenvolver



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

alguns aspectos: táticos, técnicos, físicos e psicológicos. Atualmente, com exceção de alguns esportes, o desenvolvimento muscular é inevitável, pois, juntamente com outros aspectos trabalhados, levam as (os) atletas às conquistas de seus objetivos competitivos. Contudo, o que ocorre é que o desenvolvimento muscular e da força física deixa essa atleta insatisfeita com seu corpo, pois diz que essas características físicas a torna masculina.

Para a atleta de handebol³ “a sociedade acha que o homem é mais liberal, porque ele tem a decisão de tá formando a família mais tarde. Não têm compromisso em ter um filho, em engravidar e passar pelo período de gestação”. Essa atleta denuncia aquilo que Coneill (1995) denominou de ‘hegemonia masculina’, muito presente no campo esportivo. Embora revele isso, ela parece não ter consciência. Ao pensar que o homem tem o direito [concedido pela sociedade], “de tá formando a família mais tarde” ela não demonstra, naquele momento, dúvidas sobre se a mulher teria ou nesse mesmo direito e parece não pensar na divisão igualitária das responsabilidades na educação dos filhos.

As atletas ao mesmo tempo em que criticam estão vivendo sob essa égide ideológica, não questionando outras possibilidades em relação à família, maternidade e ser mulher. Essas regras implícitas, que dirigem as ações da vida por não terem sido promovidas a um nível explícito (THOMPSON, 2000) e consciente, parecem ser aquilo que não é. Elas parecem fazer parte da natureza humana.

Questão: “Fale sobre os salários entre homens e mulheres no esporte”.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Algumas frases resumem as situações de diferenças salariais, negativamente, para o judô e o futebol de campo: “as diferenças são gritantes”, “Hoje não sei afirmar, mas que a diferença existe, existe”, [na época em que competia a diferença entre salários era em torno de 40%], “é uma piada de mau gosto!”, “a gente não tem campeonato, mal tem salário”, “no ano passado (2004), times pagaram cem reais por mês, entendeu”, “acho que no futebol isso é gritante, é uma coisa absurda!”.

As jogadoras de handebol^{1,2,3} percebem que, mesmo jogando com um alto rendimento, ainda ganham menos do que os homens.

A Atleta de handebol ¹, em seu discurso denuncia a falta de reconhecimento financeiro, pois mesmo com mais possibilidades de conquistar títulos internacionalmente, ganham menos do que os homens nos clubes.

A atleta de handebol ³ demonstra consciência sobre a desigualdade no tratamento entre mulheres e homens atletas, ela não sabe dizer quem inventou ‘isso’, mas sabia que não era natural. Porém ‘isso’ existia e existe mantendo-se durante todo percurso do esporte, provavelmente devido a força da tradição histórica e do poder da Instituição.

Embora a desigualdade tenha sido percebida por quase todas as atletas, para as atletas do voleibol ela foi positiva. Segundo suas declarações elas ganham mais do que os atletas homens.

As desigualdades de distribuição e do reconhecimento dos cargos de comando e salários entre homens e mulheres são explicadas por Fraser (2002) através do gênero como uma das facetas de um projeto político maior.

No esporte o gênero ainda é estruturante e divide maiores salários para os homens e menores salários para mulheres. Mesmo que as mulheres, em termos quantitativos, exerçam as mesmas modalidades esportivas que os homens, elas não são reconhecidas como tais.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Segundo Fraser (2002), uma das características da injustiça de gênero é o ‘androcentrismo’ que supervaloriza traços associados com o masculino e desvaloriza traços associados com o feminino.

A mulher no esporte busca, no mínimo, o reconhecimento e o respeito de seu desempenho e conquistas enquanto atleta e também a possibilidade de poder exercer cargos de poder em instituições esportivas, que atualmente, ainda somente são delegadas ao homem. Para atleta de alto rendimento, de modo geral, a prática esportiva é o único meio de remuneração, sendo encarado como uma forma de profissão, mesmo que ainda não seja reconhecido como tal, com exceção do futebol. É imprescindível a afirmação financeira através do esporte, pois enquanto a mulher não tiver condições favoráveis para conquistar sua independência financeira ela será vulnerável as diversas facetas do poder.

No esporte é muito comum que atletas com grande destaque e alto desempenho ganhem mais do que seus colegas de equipe. São atletas que possuem gratificações de patrocinadores ou extras dos clubes. O critério adotado geralmente é baseado no alto desempenho, destaque na mídia e conquistas de campeonatos importantes.

Afirmativa5: “Ser mulher é...”.

Determinação, objetividade, assertividade, força, combatividade, superação e independência são adjetivos encontrados em quase todas as respostas. Elas mostram que pensam opostamente à ordem de gênero corrente. E não seria por acaso que, socialmente, essas mulheres são percebidas como “fora do padrão” ou como “anomalias” e estigmatizadas.

⁵ As afirmativas A, B, C foram inspiradas em Vera PAIVA (2000).



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Percebe-se uma dinâmica voltada à imposição, isto é, elas sentem necessidade de se imporem para conquistar seus direitos e superarem os preconceitos. São as tais ‘lutas invisíveis’ e as barreiras antes citadas. Para a judoca “é ser uma lutadora contra todos os conceitos e preconceitos... e com uma visão ampla em que se queira realmente se destacar o assunto que se defende”.

Para atleta de voleibol¹ a mulher deve “sempre lutar, sempre conquistar seus objetivos e ser sensível, também”. Quando indagada sobre isso ela diz que “a mulher é muito sensível. Não é qualquer bronca que agente aceita. No masculino já é diferente...” [grifo meu]. Mediante a pergunta complementar ‘De onde vem essa sensibilidade?’ Ela respondeu: “Vem da mulher mesmo, né? Você sabe como é que é, né?” [grifos meus]. Tem dia que se está bem mais sensível do que em outros dias. (...).Então isso é da mulher, né? A mulher é sensível “. [grifo meu]”. E também perguntando: ‘E o homem? Como é isso para o homem em sua opinião?’ Ela responde “ (...) acho que o homem é mais firme nas coisas. Não que a mulher não seja (...). Eu acho que dizem para ele desde criança que ele não pode chorar, então é isso que ele leva para a vida toda. Mas, eu tenho certeza que tem alguns sensíveis”. [grifo meu]

Essa seqüência, de falas da atleta, deixou claro de como podem ser confusas as noções de natureza versus construção social do gênero “vem da mulher mesmo, né? Você sabe como é, né?” Por não ter certeza do que pensa, sutilmente evoca minha cumplicidade por eu ser mulher. Logo em seguida e depois de desenvolvido melhor seu pensamento ela diz que o homem, desde criança é educado para não chorar. O menino cresce educado dessa forma, isto é se constrói um tipo de comportamento masculino estereotipado.

Afirmativa: “Ser homem é...”.

De forma geral, as atletas manifestam que seria muito mais fácil e vantajoso ser homem. Falam que há um tratamento ‘sexista’ dado à mulher, tanto pela sociedade como



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

pela família. Enfatizam a discriminação, o preconceito e os privilégios que o homem tem por simplesmente ter nascido homem.

A atleta de futebol de campo revelou que sofreu muitos preconceitos, tanto da comunidade em que vivia como de seu próprio pai. Ela percebe que o machismo é historicamente construído e “tenho consciência que ao me mostrar com idéias diferentes do que é esperado para a mulher, corro o risco [grifo meu] de não ser aceita socialmente a ponto de não conseguir casar”.

E interessante notar que a repetição e a manutenção desses padrões culturais, que são construídos arbitrariamente pelos homens e mulheres, se mostram com se fossem naturais e inerentes. No Brasil, futebol de campo ainda altamente é *genereficador* reproduzindo e mantendo padrões sociais androcêntricos levando a mulher a uma situação estigmatizada, como uma “invasora de um ambiente que pertence, exclusivamente, aos homens”, fala da atleta de futebol.

A atleta de handebol₃ pareceu acreditar que é muito mais tranquilo ser homem, pois a sociedade não exige tanto, como exige da mulher. Em sua opinião, toda responsabilidade de ter um filho pertence primariamente à mulher, sendo um sacrifício conciliar ser mãe e atleta ao mesmo tempo.

Afirmativa: “Ser reconhecida no esporte é...”.

As atletas relacionaram a palavra reconhecimento às questões financeiras, de *status*, prestígio, auto-estima, realização pessoal, à família e a sociedade. A maior parte das respostas a essa questão corresponde à auto-estima das atletas.

As atletas de judô, voleibol₁ e handebol₁₂ enfatizam que esses reconhecimentos são muito importantes para suas auto-estimas e realizações. O reconhecimento social e familiar é muito importante. Para ex-atleta de natação o reconhecimento está relacionado ao alto desempenho, independente de ser homem ou mulher. A disparidade financeira entre os



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

atletas de alto nível do futebol masculino e o restante dos atletas das outras modalidades é enorme.

É muito comum no meio esportivo o grau de reconhecimento ser proporcional ao destaque na mídia e ao número de pódios e campeonatos ganhos. Conseqüentemente, ser reconhecido por um bom patrocínio. Outro aspecto é a necessidade da manutenção desse reconhecimento, pois é através dele que uma equipe ou um atleta se mantém em destaque e em atividade.

A atleta de handebol₃ relaciona a falta de reconhecimento à desvalorização financeira devido ao fato de serem mulheres. Indo ao encontro das considerações anteriores feitas por Fraser (2002) como sendo gênero somente uma das facetas de um projeto político mais amplo, visando um pretenso ordenamento social.

Questão: “Se você fosse homem o que seria diferente no esporte?”⁶

A atleta de voleibol₁ diz que ela se relacionaria diferentemente com as colegas de equipe. Ao dizer que se ela fosse homem ela teria mais espontaneidade para se relacionar com suas parceiras, o que ela acredita que não seja possível fazê-lo por ser mulher e suas colegas também. Essa atleta parece querer mais liberdade para se expressar, o que não acontece devido à delicadeza que ela pensa que tem que ter, por ser mulher, ao falar o que pensa e sente.

Essa posição tem dois lados: o primeiro se refere à socialização que, grande parte dos meninos recebe e que os favorecem em relação ao mundo competitivo; o segundo, se refere à socialização que os ensina a não demonstrar os sentimentos, podendo levá-los até conflitos emocionais. Quando a atleta diz que “No masculino não. Ele resolve, ali, pronto e acabou. Depois vão, saem juntos, tomam uma cerveja. Apesar de eu não beber, mas fica

⁶ Sugerido por V. PAIVA durante exame de qualificação em outubro de 2004



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

tudo resolvido. Eles são diferentes”, ela também se demonstrou confusa por achar que por ser mulher ela não pode resolver seus embates rotineiros com as colegas de trabalho.

As demais consideraram que se fossem homens a vida no esporte seria mais valorizada, isto é, elas seriam reconhecidas como atletas. “Acho que seria diferente no salário”; “Eu já teria um espaço conquistado no meu esporte (...). Não teria algumas lutas invisíveis. Seria simplesmente lutar judô e não lutar contra leis e decretos que existiam”; “(...) me destacaria em muitas coisas que hoje os homens fazem e as mulheres não fazem. (...) na própria direção dos esportes (...)”; “(...) um tempo maior de prática, por causa do lado da construção da família. Então chega uma hora que a mulher tem que optar [grifo meu] pelo esporte ou pela família”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a evolução das mulheres no esporte seja realidade, elas ainda vivem sob a sombra de muitos preconceitos sexistas. O reconhecimento e respeito de suas capacidades e a igualdades na distribuição de poder, que lhe são de direitos conquistados, ainda não fazem parte da realidade cotidiana. Mesmo que ainda sobrevivam do esporte e participem de competições nacionais e internacionais representando o país, o esporte de alto nível não é considerado como trabalho formal.

Por sua vez, além de toda rotina desgastante de treinos e exigências comuns ao esporte, as mulheres ainda têm que enfrentar algumas “lutas invisíveis”⁷, por vezes, nunca imaginadas pelos espectadores desse grande fenômeno cultural que é o esporte. Nota-se a desvalorização do esporte praticado por mulheres em relação aos homens, tanto em termos financeiros, condições de treinamento, transporte, alojamento, publicidade e mídia.

⁷ “Lutas invisíveis” são palavras de uma das mulheres do grupo pesquisado.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Para a modalidade voleibol, com uma tradicional atribuição como ‘mais feminina’, por exemplo, essas atletas discursam de uma forma diferenciada daquelas que estão em meios esportivos característicos e tradicionalmente ‘mais masculinos’ (futebol de campo, handebol, judô). As atletas de voleibol parecem sentir menos as desigualdades de gêneros do que as demais, no que se refere às questões de salário e condições de treinos e jogos. Nas modalidades como o futebol de campo, handebol e judô as atletas percebem que existe tratamento desigual em relação às equipes masculinas, tanto como em salários, treinos, competições como na distribuição de cargos de poder em instituições importantes no esporte.

Através dos depoimentos, pode-se observar indícios de preconceitos em relação à mulher no esporte, apresentados pelas próprias atletas, podendo ser mais bem estudados em pesquisas futuras. Para essas atletas, as mulheres que exercem o esporte de alto nível são percebidas como “fora de padrão” ou como “diferentes”, gerando preconceito fora de dentro do meio esportivo, inclusive entre elas mesmas.

Toda essa ambigüidade, de certa forma, pode ser considerada positiva. Por ela ser a parte mais incomodada e a menos favorecida da relação mulher/homem, essa situação pode levá-la a refletir sobre o *status quo*, sobre sua identidade, seus papéis sociais, sobre o que se esperam dela e principalmente sobre o que ela espera de si mesma. O conflito gerado leva a mudanças na forma de encarar os diversos aspectos de sua vida.

Também se percebeu que existem dúvidas ainda no direito de escolher em ser ou não mãe, bem como, na divisão da responsabilidade dos cuidados com os filhos. A maternidade ainda é vista como uma responsabilidade primaria da mulher. A própria mulher parece isentar o homem de exercer sua parte.

A pesquisa que originou esse artigo jamais teve pretensões de generalizar os resultados. Esse artigo buscou demonstrar a importância do contexto esportivo no estudo



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

das desigualdades entre mulheres e homens e também como um campo a mais na luta dos direitos da mulher, haja vista o avanço quantitativo de sua presença no esporte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. Educação & Realidade, Porto Alegre, v.2, n.20, p.185-206, jul./dez., 1995

FRASER, Nancy. Políticas feministas na era do reconhecimento. In: BRUSCHINI, C.; UNBEHAUM, S.G. Gêneros, democracia e sociedade brasileira. São Paulo: F.C.C/34, 2002, p.65.

GOELLNER, Silvana V. O Esporte no cinema: uma possibilidade narrativa sobre a história e a cultura do movimento olímpico. In: FÓRUM OLÍMPICO: ESTUDOS OLÍMPICOS: ÉTICA E COMPROMISSO SOCIAL, 5., 2004. Anais... São Paulo: EEEFEUSP, 2004b. p. 28-34

MESSNER, Michael. A. taking the field: women, men and sports. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002. p.65-66.

PAIVA, Vera. Fazendo arte com camisinha. São Paulo: Summus, 2000.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. SOS CORPO, Gênero e cidadania, Recife, 2 ed., Fev, 1995.

SOUZA, Eustáquia. Salvador; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. Caderno CEDES, v.19, n. 48, 1999. Disponível em < <http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 1 set 2003

THOMPSON, John. B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

Recebido: 18/03/2010

Aceito: 31/03/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br